

# A RABECA

EDITOR E PROPRIETARIO — MANOEL VICENTE VENTURA

Redacção, Praça de D. Pedro, 18

Anno I	Assignaturas	FOLHA INDEPENDENTE	Publicações	N.º 16
	Cada serie de 10 n.ºs..... 100 rs. Fóra d'Evora..... 120 " Numero avulso 10 rs.	Evora, 16 de maio de 1897	Annuncios..... 20 rs. Comunicados..... 50 " Os assignantes têm abatimento de 30 %	

**A RABECA é o jornal mais lido no Alemtejo.**

## Portugal e suas colonias

E' atterrador o estado de decadencia das nossas colonias! Se em Portugal devido á inercia d'aquelles que o têm governado está eminente a bancarrota, não é menos desolador o aspecto das colonias que estão em risco de as perdemos.

E tudo isto porquê?

A causa está patente e não é difficil de se conhecer.

E' porque todos os governos que nos têm regido, são do mesmo quilate! Em lugar de tomarem medidas energicas para salvarem o paiz que está á beira do abysmo e isto devido a elles, só procuram as suas conveniencias, o seu bem estar sem se importarem que lá fóra a tormenta ruge e que o raio está prestes a estalar.

Lá está a Inglaterra a nossa *fel aliada* que semelhante ao chagal, emboscado nos juncaes, espera a preza para se atirar sobre ella.

Para que são tantas contribuições que se estão lançando a torto e a direito e que estão augmentando continuamente?

Para bem da nação?—Isso seria preciso que esse dinheiro fosse empregado n'ella e não em palacios sumptuosos, vivendas magnificas, festas e viagens regias. De tudo se trata menos da situação do nosso Portugal! E enquanto que Portugal está proximo a ver a derrocada, voltamos os olhos para as nossas colonias, e, que vemos?

Na India, scenas de canibalismo!—um commandante que manda *amarrar um sargento*

a duas grandes correntes que lhe prendiam os pés e as mãos e ainda por cima manda castigal-o com 120 varadas!

Isto é vergonha dizel-o, mas é a verdade; aquelle que pratica assim um acto de selvageria não merece a farda que enverga nem tão pouco o nome de portuguez!

O que faz o nosso governo a isto?

—Nada!

Emquanto que um pobre sargento e outros mais são victimas d'essa fera que para vergonha nossa pertence ao exercito portuguez, cá não se toma expediente algum, e quem devia obstar a estas scenas vergonhosas, parece que consente n'esta barbaridade.

Que dirão as mais nações?

Nós, que chamamos barbaros a esses selvagens que vivem nos sertões d'Africa e que pela sua falta de civilisação têm desculpa nas scenas de canibalismo que praticam, que dirão elles do nosso paiz que se diz civilizado!

Se vamos para as outras colonias a decadencia é a mesma!—Na Guiné as coisas caminham muito mal e se vamos para Moçambique ainda peor!

Revoltas continuas dos namarraes, auxiliados ás occultas pelos inglezes, e mesmo portuguezes como o presidente da camara e outros individuos que lhe vendem polvora e armas!

Escandalos abafados, *protegidos com commissões rendosas etc. etc.*

Tal é o estado das nossas colonias e do nosso pobre Portugal, onde se commettem toda a casta de abusos e assim continuaremos se não se fizer cobro a este estado de coisas.

Nelson.

A vida é uma molestia de que se morre.

## O ESCUMALHO DA IMPRENSA

A quem chamaria em um dos seus numeros passados, por occasião da accusação de *chantage* feita a um escrevinhador qualquer—escumalho da imprensa?

Pois terá bocca para fallar, mão para escrever assim tão audaciosamente quem se não limpou ainda da accusação que lhe foi feita.

Escumalho da imprensa!

Pois que mais escoria haverá na imprensa portugueza do que um papel que sem razão e só para obedecer á indole rancorosa de um escrevinhador qualquer insulta lido e todos hoje, para amanhã luvaminhar esses mesmos a que dirigiu os maiores insultos?

De um d'esses escumalhos sabemos nós que recebeu um . . . porco por um artigo ou artigos que escreveu contra o sujeito de quem já dissera bem e que depois aggreddiu doida e selvaticamente, para mais tarde lhe tocar tambor á porta e atirar foguetes de . . . lagrimas!

Isso sim que será escumalho da imprensa.

Mas, dá ganas de perguntar d'onde vem a certos sujeitos tanta filancia?

Então nós não nos conhecemos todos?

Então não se sabe onde está o escumalho, as fezes da imprensa e onde está o metal bom?

Ora vão-se calando, não insultem os collegas por que pela nossa parte ainda que a injuria nos não seja dirigida pertencemos á collectividade e a *Rabeca* se desafina então faz uma chiadeira que ninguém a atura.

Varram lá esses nomes feios da casa immunda, e não venham pôr o lixo á porta dos outros.

Limpem-se e fallem.

Quando não . . . temos arcadas de rabeca em vez de *echo das arcadas*.

## OU 8 OU 80!

O nosso collega *O Papagaio*, que no primeiro de maio vendeu exemplares do seu jornal a 10, 20, 100, 200 e 500 réis, passou agora a ser vendido a 5 réis! O que nos leva a crer que, baixaram muito os fundos na bolsa do *Papagaio*.

## GAZETILHA

O assumpto da semana,  
Na capital transtagana,  
Foi a bonita caçada,  
Em que o dr. Barahona,  
Fez andar n'uma fona,  
A nobre e fina velhada.

Morreram sete viados  
D'aquelles mais alentados,  
Que na tapada se viam,  
Houve episodios catitas  
E muitas damas bonitas  
Baliam palmas e riam.

Imagina tu, leitor,  
Um velho e bom caçador,  
Vê-se em frente d'um viado.  
Ao olho esquerdo apontou,  
E a maldita balla entrou,  
No olho, do outro lado.

A risota foi immensa!  
Ninguém suppõe nem pensal  
Mas no fim, ao frio jantar,  
Lia-se em todos os rostos,  
Por não haverem desgostos,  
Uma alegria sem par.

Lafayette.

## Operarios de todo o mundo, uni-vos!

Foi este o brado proferido por um grande homem que muito presava a classe proletaria. Qual est'outro:—*um por todos e todos por um*, teve o condão de despertar na alma dos membros que constituem as classes laboriosas o sentimento que os levou a associarem se, a ligarem-se por laços que jámais serão dissolvidos.

Muito se tem andado, mas muito falta andar ainda.

Quando a aspiração:—*8 horas de trabalho diario*—tão almejada por todos os operarios, fór uma lei, mas uma lei que se cumpra, uma lei não atrophiada, ter-se ha chegado ao ponto mais culminante que ora é anciado.

Até lá, não devemos esmorecer.

Não esmorecemos, não, que ahí está bem patente em todos os espiritos a formidavel impressão deixada pela festa grandiosa do 1.º de maio, effectuada em Lis-

boa; não esmorecemos, que temos homens energicos—e ainda bem que os temos—á frente da nossa causa.

Bem bajam todos aquelles que pugnam com desinteresse por esta emancipação de que todos, os que trabalhamos, esperamos usufruir, mais cedo ou mais tarde, os beneficos resultados.

E' para relatar estes e quejandos serviços que eu quizera posuir a penna auctorizada de algum d'aquelles que teem posto o melhor de suas existencias ao dispôr da causa sacrosanta, que advogo, porque é aquella com que mais sympathiso, por ser a minha e por ser justa.

Havia varias facções politicas, onde podiam militar aquelles que com qualquer d'ellas mais se coadunassem.

Só os que dispunham de fortuna ou de certa influencia podiam salientar-se n'esses agrupamentos. Faltava um partido popular, genuinamente popular, no qual fossem admittidos os que súa por effeito do trabalho.

Seguindo o exemplo dado por outros paizes mais adiantados, lançou Fontana a semente que devia dar tão proficuo fructo. Propagou-se, a principio muito strictamente, depois com mais amplidão, a idéa socialista e de tal modo se desenvolveu que—ahi o estamos vendo—nenhuma outra, até aos dias que vão correndo, tem avançado tanto em tão curto espaço de tempo.

E' por isso que rejubilámos ao ouvir a comparação apresentada por Azedo Gnecco, que de perto observou o estado em que o partido prevalece na Belgica, de que o nosso paiz não differia muito d'aquelle, no estado moral de seus operarios.

Mas, se rejubilámos ao ouvir o parecer do socialista-mestre, entristecemos lançando a vista para terras de provincia, onde ha centos d'homens que trabalham e ignoram por completo o que seja o socialismo e quaes os resultados que d'elle derivam. Se, instruindo-se, poderiam saber e valer muito, preferem continuar permanecendo em densas trevas, por não se darem ao trabalho de estudar.

E' este o maior mal, que dá mais perniciosos resultados.

Em vista do exposto, não ha duvida de que, se o operariado da capital tem conseguido guindar-se a honrosa altura, occupando um lugar consideravel, o provinciano prima pelo atraso, afóra raras excepções.

Aldeão.

## A caçada na tapada do Azinhal

Com um esplendido dia realisou-se no ultimo domingo uma suntuosa caçada na tapada do Azinhal magnifica propriedade do sr. dr. Barahona.

Eram 10 horas da manhã quando a caravana que se compunha de 39 trens começou a marcha do ponto da partida.

Chegados ao local da tapada que é situada n'um ponto pittoresco e distante d'esta cidade cerca de dez kilometros começaram os caçadores a tomar os seus logares que lhe eram destinados pelo sr. dr. Barahona.

As senhoras em numero elevado eram recebidas por esse coração d'ouro em que estão engastadas as mais sublimes virtudes—a sr.<sup>a</sup> D. Ignacia.

A batida começou eram onze e meia no meio d'um entusiasmo extraordinario.

Era encantador o aspecto que apresentava a malta, vendo-se a linha dos atiradores em que se encontravam algumas senhoras e ouvindo-se as cornetas dos batedores e os tiros que fariam lembrar uma pequena batalha.

Terminado o combate reuniram todos os convivas no ponto em que esplendorosamente se achavam dispostas as barracas e mezas e alli então eram commentadas todas as peripecias que em festas d'estas sempre se dão.

Verificou-se terem sido sete as peças mortas, ficando algumas feridas.

Em seguida foi servido um magnifico lanch que foi soberbo levantando-se innumerados brindes aos sympathicos promotores d'aquella festa em que se achavam reunidas proximo a tresentas pessoas.

Foi uma festa grandiosa a que deve ter deixado gratas recordações a todos os que tiveram o prazer de a ella assistir.

A carne dos veados foi uma grande quantidade para o Asylo d'Infancia Desvallida do qual os esposos Barahona têm sido o seu amparo e a restante foi distribuida pelos caçadores.

## ARRONCHES

Francisco Pereira Rosado

Agradecemos tudo que ahí tem feito a favor do nosso jornal.

A Redacção.

## Novo jornal

Vae publicar-se n'esta cidade um novo jornal intitulado: *Jornal de Rapazes*.

O seu preço será o da bolacha Maria, tres numeros dez réis.

Baratissimo, não acham?

## Pensamento

A vida o que é?—Um sonho Alegre ou do pezar,  
Mui triste ou mui risonho,  
Que foge ao despertar.

Tito de Myrtila.

## ARREPENDIMENTO

Perdão! Meu Coronel!

Mil vezes perdão! Meu rico coronel!

Eu estava mal informado, quando disse, que as *irmãsinhas Dorotheas* eram *manas* das Colletas de Lisboa e dos frades da Boa Fé!

Duas mil vezes perdão! Meu rico senhor coronel! Já nunca mais chamarei *coio jesuitico*, ao Collegio do Carmo, de que v. ex.<sup>a</sup> é digno director, protector, defensor e tudo quanto acaba em . . . ôr!

Se o disse, se o escrevi em letras grandes, foi por ver lá entrarem todos os jesuitas de casaca conhecidos cá em Evora! Mas, agora senhor, estou plenamente convencido que as *Irmãs Dorotheas*, nada, teem com a seita jesuitica, apesar, de ainda hontem lá vermos entrar alguns.

Depois da visita que as collegas e educandas de Lisboa, fizeram a esta cidade, fiquei *convencidissimo* que nada teem com essa maldita seita negra, que os governos, por vonviniencia e o povo embrutecido toleram.

Pois, pode alguém acreditar, que umas senhoras, que em publico, na malta do nosso bonito passeio, ensinam as meninas a dançar o *pás de catre* e outras danças, sejam jesuitas?

Pode alguém acreditar que umas senhoras que brincam, que saltam, que se abraçam em publico, que levantam a cabeça e encaram o sol creador, sejam jesuitas, ou ensinam taes doutrinas? Não, Nós não acreditamos.

O jesuita, caminha de olhos fitos no chão, não levanta a cabeça por que, não pode ver a luz. E' inimigo d'ella.

O jesuita não dança em publico, as suas grandes *orgias*, os seus grandes *pagodes*, fazem-nos ás escondidas nos claustros dos velhos conventos, e isso é só com as *irmãs da caridade*, ou com as Colletas.

Já vêdes, meu coronel, que entrei no verdadeiro caminho, no verdadeiro conhecimento da *causa* e espero que tenhães mizericórdia de este pobre pintor a quem castigaste ha pouco, tirando lhe o pãozinho da familia, não consentindo que elle fizesse um *ganchinho* para que foi chamado ao quartel.

Dens, manda, perdoar aos que erram e vós, se não quereis que vos tomem por jesuita, perdoae tambem, porque o verdadeiro jesuita, não perdoa a ninguém.

Ventura.

## O Ihéo

Recebemos a visita d'este nosso collega que se publica em Vellas-Açores.

Vamos estabelecer a troca.

## RINDO...

Entre amigos:

—Minha mulhier tem uns cabellos! uns cabellos! Quando os desata, caem-lhe até aos calcanhares.

—E a minha! Quando os desata até muitas vezes lhe caem no chão!

## MARIA!

A' tarde o sol doirava  
As nuvens lá no ceu  
E a brisa murmurava,  
O' querida, o nome teu!

O sol, que se escondia  
Lançando á terra o vou,  
Com letras d'oiro 'screvia,  
O' querida, o nome teu!

Chegou a escura noite,  
E o vento, que gemeu,  
Nas arv'res dando acoite  
Dizia o nome teu!

As vagas, que bramiam,  
No triste rugir seu  
Sonoras lá diziam,  
O' querida, o nome teu!

Depois que a noite fria  
A escuridão perdeu,  
A lua, que se erguia,  
Me disse o nome teu!

Depois, quando o alvor  
Eu vi crescer no ceul  
Na rosea e linda côr  
Eu li o nome teu!

As aves, que gorgeavam  
Os hymnos d'amor seu,  
Alegres pronunciavam,  
O' querida, o nome teu!

Mais tarde, quando o sol  
Mostrou o rosto seu,  
A ouro no arrebol  
Gravou o nome teu!

Tito de Myrtila.

Resultado da *quete* feita entre os amigos do mallogrado artista Villa-Boim, sepultado no cemiterio d'esta cidade.

I. F. 200 réis, A. F. 200, A. I. T. 200, M. P. 100, R. 100, I. I. C. 100, X. 500, A. P. L. 100, F. L. S. 100, I. B. 100, F. A. 100, I. A. M. R. 500, . . . . . 140, S. J. 100, A. N. S. 200, I. R. 100, J. 80, C. 50, M. . . . . 100. . . . . 100, I. R. 100, L. A. L. 200, S. 300, C. 300, I. C. 100, C. M. 100, I. R. 100, . . . . . 100, D. F. 400, I. P. 100, F. 300, I. C. 100, A. S. 100, I. A. 200, D. A. 200, V. 100, M. B. 500, J. B. 100, I. P. 200, A. C. 200, I. P. 100, I. M. 100, A. M. 200, I. P. 200, I. F. 200, M. A. 50, B. 500, F. S. 100, C. 100, I. R. B. 300, I. L. 80, I. S. B. 100, . . . . . 20, I. P. 200, I. V. 200, M. F. 100, I. T. 100, A. R. N. 100 rs. Somma 11\$720 réis.

## DESPEZA

Hospital 8\$140, cêra 1\$100, caixão 1\$200, despesas miudas 540. Entregue á viuva 740. Somma rs. 11\$720.

## A COMMISSÃO

Francisco José Ramalho  
Ignacio Fernandes Costa  
Ignacio Cartucho  
Hylario José  
Joaquim da Costa  
João Pedro Muralha.

## QUADROS MARITIMOS

## Um dia de pesca

Estamos no extremo sul do nosso continente.

Na pacifica e aprazivel villa de Albufeira, aspira-se um ar tão puro e aromatico que bem nos faz julgar na estação das flores.

De feito, no dia 15 de maio de 1892, a fresca brisa do norte perfumava a villa com o aroma que furtava á ramagem viçosa dos figueiraes, e á relva, cujas flores odorantes, que eram em immensa quantidade, fariam, decerto, lembrar o Eden ainda ao mais infeliz dos mortaes.

As avesinhas gorgejavam os seus amorosos e doces hymnos, canções de ternura que fazem vibrar d'amor os corações sensiveis e embriagar com um como que perfume mysterioso e divinal as almas amorosas.

Nas rochas da bahia, que se erguem gigantes e sombrias, projectando as suas sombras nas aguas placidas e murmurantes do oceano, viam-se alguns pescadores, que assentados nas pontas mais baixas, empunhavam as cannas com que pescavam.

O oceano parecia mais um immenso lago argentino... tão grande era a sua quietação.

As suas pequenissimas vagas erguiam-se preguiçosas beijando a alva e liza praia e semelhavam rendas desdobradas por mão discreta cuja delicadeza fosse a de uma virgem celestial ao agitar o azul e arrendado manto.

O ceu d'um azul purissimo, e o sol cujos raios brilhantes prateavam as aguas crystallinas, embelezavam ainda mais o quadro, que sem ser puramente campestre não deixa de o ser em parte, mas a denominação predominante será a maritima.

Tres estudantes, a avaliar por alguns livros que apertavam debaixo dos braços e por algumas palavras francezas que pronunciavam no seu transporte d'uma alegria bem visivel, olhavam ora o horizonte longiquo, ora dois maritimos que lançavam pachorrentamente ao mar um barco de pequenas dimensões, ou melhor dizendo, um bote, que a avaliar pela pintura tricolor d'azul, branco e encarnado e por alguns singellos apparelhos de pesca que dentro d'elle se viam, devia ser destinado a passeios pela bahia —recreio de seus proprietarios.

Na verdade assim era, por que um dos estudantes,—o que parecia mais velho—um rapazola dos seus 17 annos, dirigindo-se a um dos marujos disse: Então Thomé... parece-te que daremos hoje um passeio esplendido e que nos divertiremos muito?

—Muito, sim, sr. Josézinho.

O mar está chão... e a não ser que alguma aragem de levante venha alterar este socego, o peixe não escasseará e o passeio será bem divertido.

Todos os estudantes se entreolharam como que concordando com a asserção do velho marujo.

Nos seus labios transpareceram sorrisos dos que só sabem pairar nos labios da mocidade estudiosa e os seus olhos scintillaram d'alegria...

Pr'a bordo! —gritou o mais velho, a quem os outros responderam sorridentes:

—Promptos, capitão!

Immediatamente o velho Thomé carregou com os dois estudantes menos corpulentos enquanto o outro marujo que havia tempo desempçava as linhas de pesca, descia do bote e se dirigia ao encontro do capitão para o transportar.

Minutos depois, todos installados a bordo, o capitão pegava nos remos enquanto um dos companheiros, de physionomia sympathica e melancolica—predicados do typo algarvio—se assentava ao leme, e o terceiro—rapaz alegre e gracioso—lançava os seus olhares perspicazes para todos os lados.

Ao impulso dos remos que o capitão manobrou com basta força, o barquinho deslizou velozmente por sobre as aguas, deixando um leve rasto na sua passagem.

D'alli a pouco, costeava uma comprida ponta de rocha que avançava pelo mar, fazendo levantar na sua passagem, aqui, e alli, bandos de aves maritimas, entre ellas as gaivotas, que gritavam caprichosamente ao serem perturbadas nos seus dominios.

(Continua).

Tito de Myrtila.

## AGRADECIMENTO

Antonio Candido Palma, extremamente penhorado a todas as pessoas que se interessaram pelas melhoras de sua sempre chorada esposa, Rita da Conceição Palma, e ás que a acompanharam á sua ultima morada e lhe manifestaram sentimentos de condolencia por tão doloroso transe, serve-se d'este meio para patentear o seu indelevel reconhecimento, sem que jámais possa ser olvidada a sua eterna gratidão por tão relevantes serviços.

## Errata

Devido a uma enorme *tonca* que apanhou um compositor cujo nome não diremos para lhe não ferir a *modestia*, sahiram no ultimo numero algumas *gralhas* das quaes corrigiremos as mais importantes:

2.<sup>a</sup> columna, 9.<sup>a</sup> linha, onde se lê *serei* deverá ler-se *sou*.

2.<sup>a</sup> columna, 13.<sup>a</sup> linha, onde se lê *offendo*, ler-se-ha *offende*.

2.<sup>a</sup> columna, 19.<sup>a</sup> linha, onde se lê *que*, ler-se-ha, *quebra*.

2.<sup>a</sup> columna, 29.<sup>a</sup> linha, onde se lê *extremo* ler-se-ha *extrêmo*.

2.<sup>a</sup> columna, 40.<sup>a</sup> linha, onde se lê *nervos*, ler-se-ha *ver vos*.

Pedimos desculpa aos nossos respeitaveis leitores.

A Redacção.

## A Revista Fayalense

Fomos visitados por este nosso collega do Fayal. Retribuiremos.

## AO TELEPHONE

—Quem chama?

—O redactor da «Rabeca».

—Pode fallar.

—Por que não se publicou a «Rabeca» no domingo passado?

—Por falta de editor.

—Só?

—Ainda acha pouco? Por que faz essa pergunta?

—Por que correm por aqui boatos sinistros...

—A que respeito?

—Você bem me percebe...

—Falle caro, não gosto de re-lícencias.

—Dizem por cá que você vae ser empregado na Junta do Credito Publico.

—Quem lh'o disse enganou-o. Eu não aspiro a logares de carteira. Nasci para pintar e pintando devo morrer. Eu chamo-me: Ventura e esse que foi empregado para a Junta do Credito Publico foi o Lorena, redactor, que foi do «Eboresense».

—Conheço-o muito bem, é assim... cor da pelle das batatas.

—E' esse mesmo.

—Então os progressistas sempre lhe deram uma maminha, não é verdade?

—Elle diz que não, e diz mais, que não deve o seu emprego nem a progressistas nem a regeneradores, que foi a um concurso e que ficou classificado em segundo logar. Se é verdade ou não, elle só o poderá dizer.

—E você acredita?

—Tenho assim, as minhas duvidas. Em Lisboa ha tantos meninos bonitos e deixarem passar aquelle emprego pela «malha»... Emfim mais cedo ou mais tarde saberemos tudo. Até p'ra semana.

—Saude.

Venturinha.

## Irmãs e collegiaes

Vimos ha dias as irmãs Dorotheas acompanhadas de cerca de 80 alumnas, as quaes,—segundo se dizia—vieram visitar as collegiaes d'aqui.

No dia immediato vimol as dançar no terraço do collegio (?) (as alumnas, já se sabe.)

Lá, tambem se dança... por ora no terraço e mais tarde... talvez na corda...

Na quinta feira seguinte, ou no dia 6 do corrente, desfilarão formadas duas a duas por algumas ruas da cidade, indo ouvir o concerto da banda, ao passeio.

Traziam, na maior parte, lindos broches adornados de brilhantes. Trajavam com simplicidade mas com bom gosto.

Algumas eram typos de belleza—Flores que emurcheceirão no vico da primavera, açoutadas pelo tu-fão do fanatismo!—

Enfim, tudo isto é muito bonito. Mas as meninas Dorotheas viriam visitar as suas collegas por terem d'ellas saudade?

Por serem d'ellas ha muito conhecidas?

Por se estimarem?...

Não, com certeza.

Não foi a saudade, o conhecimento, nem a estima que as trouxe á terceira cidade do reino.

O que as trouxe cá, foi unica e exclusivamente—e já não é pouco—a vontade das irmãsinhas, que pretendem alargar o seu dominio irrisorio que na epocha presente toma proporções ficticias.

A visita foi sómente um pretexto para a propaganda.

A propaganda, foi para demonstrar que as collegiaes trajam bem, usam broches, aneis, brincos, etc, etc,—coisas que não deixam de invejar todas as meninas.

Pretenderão as irmãsinhas engrossar as suas fileiras?

As fileiras do exercito negro?

Pensarão em que ainda ha mais inexperientes?...

Se assim é enganam-se.

Está bem vivo na memoria de todos o caso do **Convento das Trinas** e o tragico fim da infeliz **Sarah de Mattos**.

## MONTE PIO EBORENSE

(ASSOCIAÇÃO DE SOCCORROS MUTUOS)

Balancete do mez de março de 1897

## ACTIVO

Capitales mutuados...	3:400\$000
Depositos a prazo...	800\$000
Depositos á ordem...	180\$000
Dividas activas...	73\$140
Caixa.....	9\$886
Mobiliario.....	58\$090
Medicamentos.....	65\$160
Subsidios pecuniarios.	233\$900
Decima de juros.....	22\$967
Ordenados.....	145\$967
Gastos geraes.....	1\$975
	<b>4.991\$395</b>

## PASSIVO

Capital.....	58\$090
Fundo de reserva para soccorros, etc.....	1:583\$975
Fundo de reserva para pensões, etc.....	2:628\$000
Fundo disponivel para soccorros, etc.....	205\$605
Fundo dispunivel para pensões, etc.....	115\$725
	<b>4.991\$395</b>

As contas de receita e despeza, relativas ao mez de março ultimo, estarão pátentes na sede da associação no dia 16 do corrente mez, desde as 11 horas da manhã até á 1 hora da tarde.

Evora 10 de maio de 1897.

O secretario da direcção

Pedro Nunes.

## Aos nossos leitores

A Rabeca não poude sahir no dia 8, por falta de editor, pelo que pedimos desculpa.

## Companhia Nacional Editora

O sr. Justino Guedes expediu a seguinte circular ha dias:

...Sr.—Por escriptura lavrada nas notas do tabellião Camillo José dos Santos, d'esta cidade, acabo de celebrar um contracto para administração da secção editorial da Companhia Nacional Editora.

Esta secção que constitue por assim dizer a antiga casa David Corazzi fica d'hoje em diante sob a minha exclusiva administração e immediata responsabilidade.

Assegurando a v. que, antes de encetar novas publicações, terei concluido, no mais curto espaço de tempo, as obras que a alludida Companhia tinha no prelo, venho tambem affirmar a v. que todas as suas ordens serão cumpridas com a pontualidade e zelo que tanto distinguiram a casa do meu fallecido e presado amigo David Corazzi.

Empenhando pois toda ostarom energia e boa vontade e a minha, por diante esta emprehenem lea ousou contar com a amisade imenv as apreciaveis ordens de v. , que muito poderão concorrer para a prosperidade e conceituado bom nome que esta casa se propõe reedquirir.

De v. etc.—Justino Guedes.

## Epigrama

Para casarse, Juan Quero  
pidió al cura de Sagunto  
su partida de soltero:

y éste, por andar ligero,  
le mandó lá de difunto.

Al ver la partida el tal,  
al cura el punto escribió  
la equivocación fatal;

pero ésta le contestó:

—Juan, para el caso, es igual.

A. Alcalde y Valladares.

## ANNUNCIOS

Antonio Abilio Gomes

1—Rua da Moeda—5

EVORA

Acaba de receber directamente de Vianna do Castello, o legitimo vinho verde, que vende a preço de 100 reis o litro.

Tem tambem bons vinhos de pasto e os legitimos vinhos do Porto e Madeira, que vende por preços modicos.

VER E CRER!

OFFICINA DO PINTOR  
VENTURA

15—PRAÇA DE D. PEDRO—15

ao pé do Theatro Garcia de Rezende

Trabalhos bem acabados,  
com solidez e economia.

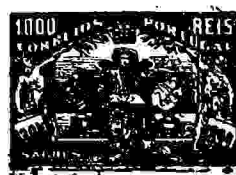
Pinta e doura letras em todos os generos.

Finge madeiras e pedras.

Forra casas a papel.

Pinta moveis de ferro e zinco.

Encarrega-se de qualquer trabalho concernente á sua arte, em Evora ou em qualquer ponto do paiz.



SELLOS  
USADOS

Os bons de Portugal e todos das colonias portuguezas, pagam-se por bom preço.

N'esta redacção se diz.



## BIBLIOTHECA AMOROSA

E' uma nova collecção de contos engraçados, estylo realista, suave, transparente, sem vocabulos pornographicos. Cada volume, que consta de 32 a 64 paginas, impressas em bom papel assetinado e ornado com 5 bonitas gravuras, custa apenas 60 réis. Cada serie de 10 contos ou sejam 330 paginas e 54 gravuras, 500 réis.

## VOLUMES PUBLICADOS

O sapatinho vermelho, Os prazeres de Luizinha, Delirios de prazer, Bem aventurados os mansos, A flôr das creadinhas, A alcova nupcial, Remedio para tristezas, Como se enganou os homens, Diaburas do priminho, Uma familia de carneiros, Por diante e por detrás, Recreios conventuaes.

## VOLUMES A PUBLICAR

No templo de Cythéra, Bachanaes romanas, A mulher do camiseiro, A moral dos collegios, A costureira, A Maria das Tairocas.

Vende-se nas principaes livrarias de Lisboa e Porto, provincias, ilhas, Africa e Brazil, devendos os pedidos ser dirigidos á

Livraria Editora

DE

Francisco Silva

89—Rua de Santo Antão—91

LISBOA

THEATRO  
GARCIA DE REZENDE

Sabbado 15 e domingo 16 de maio de 1897

RECITAS PELO

GRUPO DRAMATICO DA SOCIEDADE HARMONIA EBORENSE

em que tomam parte, alem dos conhecidos amadores do alludido grupo e actrizes amadoras d'esta cidade, a distincta actriz lisbonense

D. IZABEL PACHECO

e a eximia cantora italiana

D. ERNESTA CERRI

A chistosa e fina vaudeville em 3 actos

NINICHE

Com doze numeros de musica, sendo, uns composição de ALVARENGA outros originaes e todos coordenados pelo habil maestro

JOÃO CARLOS DE S. MORAES

Córos, pescadores, banheiros, banhistas, passelantes, moços do café, creados de banhos, etc.

O scenario do 1.º acto foi expressamente pintado para este fim.

FABRICA DE  
LADRILHOS EM MOSAICO

DE

Francisco Damaso da Fonseca Varella

Grande variedade de desenhos em todas as côres. Preços mais baratos do que nas fabricas de Lisboa.

Rua das Alcaçarias n.º 1

EVORA

Minerva Eborensis de J. J. Baptista.—Praça de D. Pedro, 25—Evora.

Anno I

N.º 16

A RABECA

Folha semanal, litteraria e independente

EDITOR E PROPRIETARIO MANUEL VICENTE VENTURA

Redacção e administração, Praça de D. Pedro, 18

Ex.<sup>mo</sup> Sr.